

GUERRA JUNQUEIRO — MEIO SÉCULO DEPOIS

lr. Elvo Clemente

O AMBIENTE

1923 marca o desaparecimento de grandes homens de nossas letras entre os quais mencionaremos GUERRA JUNQUEIRO em Portugal, Rui Barbosa, no Rio, Alceu Wamosy, em Livramento. Desapareceram, ainda que a sua presença seja uma realidade em nossas vidas.

ABÍLIO GUERRA JUNQUEIRO nascido em Freixo de Espada Cinta de família abastada. Aos 14 anos já era festejado por seus versos.

Em 1873 concluía o seu Curso de Direito, em Coimbra. Pertencia à Geração de 70, que agitou as arcadas universitárias. Era o movimento socialista em marcha que domina as gerações sob o influxo de Saint-Simon e de Proudhon. Em toda parte desencadeiam-se revoltas, greves, agitações. Coimbra experimentou sérias dificuldades e até mesmo lutas sangrentas que visam à implantação do pacífico e utópico socialismo. Eça e Antero são os líderes da Geração de 70. Organizam o Cenáculo, onde os jovens aperfeiçoam seus conhecimentos filosóficos ideológicos e vão treinando as técnicas de agitação. Antero de Quental foi o mentor intelectual do movimento que vai implantar o Realismo e o Naturalismo em Portugal. Impulsionados pelo hegelianismo e pelo darwinismo vão ao encontro das idéias de Renan em *Origem do Cristianismo* e na *Vida de Cristo*, de Strauss. Tempos de lutas, de ateísmo, de agitação e de derrubada de estruturas. Pouco ou nada se cuidava em construir.

A figura invulgar de Adolfo Coelho, o último conferencista do Casino Lisboense, fechado pela polícia real a 7 de junho de 1871, é exemplo dessa fúria iconoclasta em suas palestras sobre o Ensino da Língua Portuguesa. Procura pôr tudo abaixo, sem preocupação de construir. Mais tarde será o iniciador da cátedra de Lingüística na Universidade de Lisboa.

A Europa na efervescência socialista, na implantação das internacionais proletárias, que virão a culminar com o advento do Estado Comunista Soviético em 1917.

GUERRA JUNQUEIRO participa de tudo, está nos movimentos universitários, está na vibração popular por ocasião da unificação italiana e a queda de Roma sob as forças garibaldinas. Os tempos são difíceis, as idéias controversas. A monarquia mal e mal se sustenta sob os numerosos golpes vindos dos acadêmicos, vindos dos operários, vindos dos escritores

e jornalistas. O bacharel de 1873 enfrenta a concorrência profissional, consegue cargos burocráticos, até mesmo é deputado. Nessa altura a poesia é feita aos borbotões nas páginas *Musa em férias* (1879). As vicissitudes da existência, a pasmeira nacional, a agitação dos espíritos encaminham o escritor e poeta pelos caminhos republicanos, do anticlericalismo, do socialismo e do antiburguesismo, mau grado ser ele da classe conservadora. É dos proventos da monarquia e da fortuna de família que provêm os recursos para o status de sua existência.

Mais tarde desilude-se de todas as mentiras sociais e retira-se para o ermo de sua quinta rural, depois de 1890, ao romper com Oliveira Martins.

Tempo para a meditação, para o amadurecimento de tantas ideologias, até a vinda da República em 1910.

Na sua volta à política por imposição do novo regime ei-lo cônsul em Berna. A atitude de decepção, retração e recolhimento marca os seus últimos anos.

Era uma volta à simplicidade, ao aconchego do lar:

Dei a volta ao mundo, dei a volta à vida...

Só achei enganos, decepções, pesar...

Oh! a ingênua alma tão desiludida...

Minha velha ama, que me estás fitando,

Canta-me cantigas de me adormentar!...

(Os Simples)

O POETA

O adolescente surge sob o signo do verso — poetava aos 14 anos... Nos anos acadêmicos a poesia candente das métricas revolucionárias e subversivas cintilavam nas reuniões das repúblicas da velha Coimbra. O grupo do Cenáculo gestava nos ardores socialistas uma nova ordem social, uma sociedade com outras estruturas. Era a nova ordem dos Anteros, dos Eças e dos Ramalhos... Os destinos foram tão diversos. A obra que construíram tão efêmera por um lado e de tanta perenidade por outro... As estrofes mazzinianas se entrelaçavam com as tiradas ideológicas de Proudhon; os versos hugoanos se intercalavam com os ritmos de Byron e de Espronceda. Eram frases sonoras, ritmos avivados, vôos de condor na imagística polemizada. Hegel e Darwin, Renan e Comte ditavam os assuntos para a musa nem sempre em férias... Êmulo de Eça, Guerra Junqueiro procura construir o edifício literário sobre as ruínas das arcadas dos templos e dos escombros da monarquia. Paulo Setúbal em *O Confiteor*, faz ressoar ainda os ecos dos decassílabos junqueirianos recitados com todo o fôlego juvenil nas pensões paulistanas do início do século. *A velhice do Padre Eterno* é um livro de crua dose de ateísmo, de alma educada na fé cristã e conhecedora dos evangelhos, que no entretanto blasfema, sarcasticamente... A última estrofe do poema — o dinheiro de São Pedro — é-nos exemplo disso:

E toda essa riqueza imensa acumulada
Por tantos financeiros,
O que é a economia, oh Deus! foi começada
Só com trinta dinheiros!

O espírito voltairiano, a ironia alvar saltam em todos os ritmos.

Ao lado dessa arrogância sacrílega temos páginas de profunda sensibilidade humana no livro — **A musa em férias**. Se não vejamos "A Fome no Ceará":

Na deserta amplidão dos campos luminosos
Mugem sinistramente os grandes bois sequiosos
As aves caem já, sem se suster nas asas.
E, exaurindo-lhe a força enorme que ela encerra,
O sol aplica à terra
Um cáustico de brasas.

O ritmo impressiona, a estrofe esfuzia, as figuras saltam na criação genial do poeta. Todo o largo poema é um soluço de gente morrendo, da fome devorando as últimas esperanças.

A última estrofe move mais e mais à compaixão, à solidariedade com a argumentação da Irmandade de língua e cultura:

A miséria é um horrível sorvedouro
Vamos! enchei-o com punhado d'ouro,
Mostrando assim aos olhos das nações
Que é impossível já hoje (isto consola)
Morrer de fome alguém, pedindo esmola
Na mesma língua em que a pediu Camões!

Guerra Junqueiro é hugoano nas figuras de linguagem, na sonoridade dos vocábulos, na fluidez das sílabas.

O panteísmo da **Oração do pão** e da **Oração da luz**, traz o poeta para dentro de uma pieguice perdida num misticismo sem endereço religioso. É o deísmo doentio dos românticos que perpassa pelos versos mór-bidos de som, vazios de piedade, nos longes da prece sincera e viva.

Os simples é outra obra sempre lembrada por causa da unção da ternura que perpassa em suas páginas. É a alma que volta sobre si em demanda da morada do Pai. O que persiste da construção majestosa de tantos versos sobre as ruínas da Pátria, sobre as aventuras **dom-juanescas**. A morte de **Dom João** repercute fúnebre com o **Finis patriae**, e tudo se encaminha para **Os simples**, desde a figura da Moleirinha até o Regresso ao Lar. O poeta volta, o filho pródigo retorna a longa estrada à procura do chão amigo do regaço primeiro.

O calor de velhas horas embala e rejuvenesce as memórias das coisas da infância, do mundo recriado com os olhares e com os sonhos inocentes. As malícias da existência, as cruces do destino, tudo se amortalha junto à ternura do regaço materno. É o que nos diz a última estrofe do já mencionado poema:

Canta-me cantigas, manso, muito manso...
Tristes, muito tristes, como à noite o mar...
Canta-me cantigas para ver se alcanço
Que a minh'alma durma, tenha paz, descanso,
Quando a morte, em breve, m'a vier buscar!

Guerra Junqueiro, contemporâneo de Antero de Quental, o cinzelador do soneto, faz uma poesia belicosa, altaneira e altissonante, de duração efêmera.

Cinquenta anos depois muito ficou ao longo dos caminhos trilhados pela história. A Pátria encontrou outras sendas e outros chefes na política; e outros mestres nas escolas. Portugal é completamente outro, continuando, porém, idêntico a si mesmo.